

PREFÁCIO

DE TRABALHO EM ELABORAÇÃO SOB O TÍTULO DE CIÊNCIAS E CULTURA NO CEARÁ

Pe. MISAEL GOMES

Desfiam-se os anos, dias e anos, individualidades e instituições. Parece que tudo acaba, tudo morre. Engano ! Apesar das lágrimas, e da aflição das coisas, cada vez maior o patrimônio legado aos vivos. Nascem os seres, desatam-se, perdem-se e o tempo vai andando e se alongando, sem nunca se perder a si. *Le passé ne meurt jamais en nous* (1).

Salvaram-se prisioneiros atenienses graças a estrofes de Euripedes, a quem os sicilianos idolatraram; Shakespeare deveu a Plutarco o sainete inconfundível de suas obras; Henrique IV da França celebrou, como a verdadeiro mestre, o autor do *De viribus illustribus*, que o heroísmo e outras qualidades lhe inspirara. O estirado número de preceptores as energias moças aproveitam, e estas se embebem nas lições do passado. É o ritmo do Mundo.

*

Todavia, só a *História* nos permite render culto à beleza antiga e sempre nova, à pulcritude espiritual do mérito, elemento frutificador entre os homens.

A *História* compõe o espírito de nobres idéias, considerada como deve ser, depositária das tradições ou celebridade de figuras que sobressairam. Entende-se, sem precisar notá-lo, mas, não se perde nada de repetir: a lembrança do valor de nossos maiores estimula o esforço para o bem, o zêlo de sufragar o patrimônio moral dos pais arraiga e aprofunda nos filhos as sementes da virtude.

Declarou o príncipe Bulow, chanceler de Guilherme II na

(1) — Fuster de Coulanges.

Alemanha: "Uma nação sem tradição ou sem a religião das recordações não tem raízes: é folha que o vento arrebatou; um povo é grande pela sua história e principalmente pela fidelidade que lhe dedica".

Os historiadores escrevem ao influxo das circunstâncias, mas o passado se reconstrói à luz da experiência; feitos e personagens se esclarecem com novas opiniões e novos documentos.

Capistrano de Abreu reputava o Ceará terra das mais estudadas, ainda que nenhuma obra humana deixe nunca de ter algo a corrigir. *En aucune chose n'est donné à l'homme d'arriver au but; sa gloire est d'y marcher* (2). Uma coisa é ver muito, outra ver tudo. *Aliud est enim videre multum, aliud omnia* (3). A história-pátria, obra interminável.

Platão considerou a idéia a única realidade verdadeira, absoluta e eterna. Não há dúvida que exerce influência poderosa, e o ideal tem infinito poder de sedução. Encantadora, tôda luta aberta ac sol de um ideal. Pensamento ou idéia e o ideal acordam em realidade que conduz a vida humana.

Cançamo-nos de tudo, menos de compreender, iniciados no lar doméstico e na escola, que nos deixam traços inconfundíveis, imperecíveis. Ao cabo, a civilização se forma e se consolida, porque o trabalho humano a dignificou, qual necessidade da natureza, projeção do espírito, emanação do próprio ser.

Em contraste com outras, inclusive talvez e sem talvez do nosso Continente, a civilização brasileira não pode ostentar o mesmo grau de progresso daquelas. Nem é lícito falar de cultura em separado nos países do Novo Mundo, onde fraca ainda se mostra a densidade cultural. Não nos diferenciamos do influxo dominador da Europa.

Recebemos da cultura portuguesa a língua, costumes, religião e, de envolta com a mexerufada dos defeitos, as nossas melhores qualidades. A civilização implantou-se nas terras virgens da América; sofreu a deformidade imposta do meio. Os traços portugueses modificaram-se, transformaram-se; atrás dêles cresceram outros de outras culturas. As bôlhas dagua, efêmeras, acabam na mesma água, sem diferença alguma. Não se processou destarte a formação brasileira, porque surgem alegados como êste, já de nossos dias: "*A decir verdad, España colaboró siempre, cortés y eficazmente, con Portugal, en la grandiosa empresa de la colonización del Brasil*". Na própria estrutura lusitana, topamos sinal cosmopolita. A raça não o esqueceu.

(2) — Francisco Guizot.

(3) — Joaquim Fiore, *Expositio super Apocalypsim*.

Em todo o caso, a França sobrepuiu, pela influência de suas idéias, no século XVIII. Devemos-lhe, não o sangue, porém uma sorte de triunfo da Conjuração Mineira. Os autos da devassa revelaram, ao lado de Racine, Condillac e Voltaire, a Enciclopédia em bibliotecas particulares.

Medidas oficiais, drásticas, se usaram contra a obra francesa; encarcerou-se gente no Brasil, pelo crime de enciclopedismo. Tornou-se a França nossa aliciadora, terna e blandiciosa, à feição do que sucedera entre os ianques. A América tinha gosto no lavar-se do jugo metropolitano, até que recebeu a comunhão da Liberdade. A vigília foi longa e por vezes dura.

O enciclopedismo fez o seu ofício, espanejou asas de oiro, lançou raios de luz no adiantamento político de nossa gleba. Longe da imitação servil, viceja o liberalismo com significado próprio, tão logo aqui se lhe depara campo idôneo e seiva.

Igual aconteceu a outras idéias, pensamentos vigilantes e diretores, a se pegarem e ajustarem dentro na história de nossa cultura. Prendia-lhes as atenções, a atmosfera balsâmica do lugar. Ou êle não fôsse o nosso grande Brasil.

Terminada a lua de mel da sua independência, para a Europa se voitou a curiosidade do país, cujo império manteve forma peregrina de govêrno, coroa única em tôda a América, até 1889.

Recebemos vultos do destaque e sabedoria de um Martius, Spix, Saint-Hilaire, Sellow, Pieter W. Lund, Pohl, Longsdorff e Riedel. De modo que à Europa pertencemos pelas camadas estratificadas do nosso espírito e à América pelo toque de um sentimento novo, flutuante. . .

Ora, nenhuma ceifa sem cultura, nenhum trabalho-intelectual inútil. No homem operoso está o verdadeiro fator da vida e a grandeza das nações.

As ciências, porém, a mais preciosa mercadoria que entra no comércio humano; Clóvis Bevilaqua não as separou nunca do sentido que devem ter, entre nós, de formadoras da consciência nacional. Caso é que as ciências abrangem as idéias, a cultura abrange as ciências e a civilização coroa.

*

O Instituto do Ceará, com 68 anos de existência (1887-1955), vive da memória de patrícios, do amor pelos livros, acarretando material, entesoirando coletâneas e documentários que parecem dizer: — “Vinde todos que tendes sêde, vinde às minhas águas”. Importante, que os melhores frutos da

árvore da ciência nasceram de experimentações simples, agitadoras da gente humana.

Queremos os sócios do Instituto, do nosso amado e velho grêmio, queremos escrever uma *História do Ceará*. É sonho comprido. Tanto melhor ! favorece a sua perfeição.

Para êste banquete espiritual das letras patricias, sob a presidência de Tomás Pompeu, eis (*digo baixinho*), ofereço "CIÊNCIAS E CULTURA NO CEARÁ", o meu quinhão histórico.

Valha-me Deus, o Mundo não pereceu por' lhe faltar o tento de alguns estudos remissos na inteligência ainda, na mente apenas dos seus autores. Acresce que é mais difícil descobrir os elementos que desenvolver a ciência. Nada obstante, trabalhemos para o Ceará e pelo Ceará, em busca da verdade.

Todo destino é feito de incertezas. Urge perseverança e harmonia. As abelhas dão-nos o exemplo, enquanto o acaso feliz, espécie de um deus avulso, costuma ser a recompensa do esforço continuado.

Vimos de época nova, de uma consciência nova da família humana. A terra está alfaiada todos os dias de copiosa luz, guarneçada ao norte e nordeste pelos verdes mares, nos outros pontos pelas cordilheiras que se flexionam em curvas de nomes diferentes, até ponta do Mel; amolda-se-lhe o conjunto geográfico à forma de um coração, grande diríamos, se não coubesse melhor o qualificativo à forma do país. De qualquer maneira, o Ceará é um coração dentro no coração do Brasil. Seus filhos o extremecem.

Sentimentalismo isso, em verdade; mas, não é o sentimento que lança os germes do bem no mundo ? Há liames apertados entre o espírito e o coração, porém as grandes idéias nascem do coração. Elucida-o Rui Barbosa.

— "O coração, dissertou êle, não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida. Há nele mais que um assombro fisiológico: um prodígio moral. É o órgão da fé, o órgão da esperança, o órgão do ideal. Vê, por isso, com os olhos da alma o que não vêem os do corpo. Vê ao longe, vê na ausência, vê no universal, e até no infinito vê. Onde pára o cérebro de ver, outorgou-lhe o Senhor que ainda veja, e não se sabe até onde. Até onde chegam as vibrações do sentimento, até onde se perdem os surtos da poesia. Até onde se somem os vôos da crença".

Digamos então com Santo Tomás de Aquino: "Não repares de onde vêm os ensinamentos, mas confia à memória o que se disser de bom".

Organizemos reservas, depositemos economias no Banco (falo aqui por metáfora) onde se não produzem, ficarão asseguradas e ao nosso dispor. Tudo neste mundo são palavras, disse Goethe, mas com elas se têm feito muitas coisas. A linguagem reflete a alma, prescruta refolhos íntimos e quase vê pensar o cérebro.

Por onde, se a obra mais profícua é a que se tece com amor, limito-me a dizer: — Amemos o passado, que esclarece o presente e o caminho talha do futuro. *Sic itur ad astra.* (4). Assim até os suburbios do céu.